

O GRANDE MENTECAPTO E A DITADURA NO BRASIL
O GRANDE MENTECAPTO AND DICTATORSHIP IN BRAZIL

Maraiza Almeida Ruiz de Castro¹
 Mestre em Letras
 Universidade Estadual Paulista — UNESP
 (maraizaarcastro@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo visa discutir como o romance brasileiro **O Grande Mentecapto** (1979), de Fernando Sabino, resgatando a tradição literária carnavalizada, afirma-se como obra literária contemporânea que, por meio da alusão, alegoriza o contexto político-social da ditadura civil e militar no Brasil. Para tanto, serão considerados os estudos de Bakhtin (1999) sobre a carnavaização. Além disso, serão utilizados os estudos de Spindel (1981), Ginzburg (2000) e Marcondes Filho (1987) sobre os regimes ditatoriais e sua relação com o trauma, a violência, a resistência e a democracia.

Palavras-chave: Fernando Sabino. Ditadura militar. Romance brasileiro contemporâneo.

ABSTRACT: The present article aims to discuss how the Brazilian novel **O Grande Mentecapto** (1979), by Fernando Sabino, recovering the carnivalized literary tradition, it affirms itself as a contemporary literary work that, through allusion, allegorizes the socio-political context of the civilian and military dictatorship in Brazil. For this purpose, we will base on Bakhtin's (1999) studies on carnivalization. In addition, we will use the studies carried on by Spindel (1981), Ginzburg (2000) and Marcondes Filho (1987) on dictatorial regimes and their relationship with trauma, violence, resistance and democracy.

Keywords: Fernando Sabino. Military dictatorship. Contemporary Brazilian Romance.

Carnavalização, alusão e alegoria em O Grande Mentecapto

O presente trabalho tem por objetivo discutir como o romance **O Grande Mentecapto**, de Fernando Sabino, valendo-se principalmente da alusão como recurso narrativo, representa de maneira alegórica o contexto ditatorial brasileiro na narrativa literária. O romance em questão, publicado pela primeira vez em 1979 pela editora Record, possui atualmente mais de setenta edições, o que comprova seu êxito junto ao público leitor. Apesar disso, **O Grande Mentecapto** não recebeu muita atenção da crítica literária, permanecendo sem um **lugar** definido na produção nacional.

Recuperando as características típicas da tradição carnavalizada, estudada por Bakhtin (1999), Fernando Sabino compõe um romance contemporâneo que satiriza o contexto político-social brasileiro de sua época e escapa à censura, pois é

¹ Doutoranda em Teoria e Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNESP, campus de São José do Rio Preto. Bolsista CAPES.

publicado nos primeiros anos de um lento e gradual processo de abertura política. Além de ser publicado nesse momento, o fato de o romance de Sabino escapar à censura pode estar atrelado também à própria natureza da literatura carnalizada, que realiza uma transgressão autorizada da ordem².

Sendo a época do carnaval um momento de liberdade e transgressão permitida da ordem político-social cotidiana — visto que a sociedade suspende, por um tempo determinado, a ordem de sua vida diária para vivenciar a festa popular carnavalesca —, as obras carnalizadas integram uma linhagem literária que é **autorizada** a exprimir livremente sua concepção de mundo. Segundo Bakhtin (1999, p. 236), “[...] a liberdade exterior das formas da festa popular era inseparável da sua liberdade interior e de todo o seu valor positivo de concepção do mundo. Elas davam um **novo aspecto positivo do mundo e ao mesmo tempo o direito de exprimi-lo impunemente**”. Portanto, **O Grande Mentecapto**, valendo-se da alusão e de elementos típicos da tradição carnalizada como a sátira, representa alegoricamente o contexto político-social brasileiro sob o regime ditatorial.

A alegoria será, aqui, entendida na concepção de Kothe (1986, p. 07) segundo a qual a “**alegoria** significa, literalmente, ‘dizer o outro’”:

Não se trata pois, em análise, de apenas procurar conjugar texto e contexto, uma vez que isso pressuporia a separação entre ambos, porém de descobrir uma leitura mais adequada à natureza do texto, a partir de uma compreensão melhor da realidade. Lê-se a sociedade, com suas classes e mecanismos de ascensão e descenso, na estruturação do próprio texto e estruturando o próprio texto, tanto em suas contradições e ambiguidades quanto na camuflagem ou na redução delas a antinomias (KOTHE, 1986, p. 81).

Considerando os estudos de Kothe (1986), discutir-se-á como a sociedade brasileira, com suas classes e mecanismos de ascensão e descenso, faz parte da estruturação textual de **O Grande Mentecapto**, pois o romance representa uma sociedade repleta de contradições sendo governada por indivíduos opressores que

² Autorizada não pelas autoridades militares, mas por uma tradição literária que realiza uma representação cômica, satírica, dos indivíduos e das condições históricas, políticas e sociais com as quais convive. Portanto, há uma espécie de **autorização** para ridicularizar determinadas situações, pois as obras literárias carnalizadas buscam provocar o riso, porém esse riso é repleto de crítica, de ironia.

exploram e controlam a população. A narrativa não se refere diretamente a um contexto ditatorial, mas representa situações que aludem a tal contexto.

Sobre a alusão, Samoyault (2008, p. 50), admite que ela “pode também remeter a um texto anterior sem marcar a heterogeneidade tanto quanto a citação. É às vezes exclusivamente semântica, sem ser intertextual propriamente dita”. Em seu estudo sobre a intertextualidade, a autora discorre sobre o papel da alusão e afirma que esta não se relaciona somente com o diálogo intertextual, mas constitui uma ampla forma de dialogismo, podendo ser exclusivamente semântica. É nesse sentido que a alusão será aqui compreendida.

A representação do regime ditatorial no romance

O protagonista de **O Grande Mentecapto** é Geraldo Boaventura, nascido na cidade de Rio Acima, Minas Gerais. Geraldo é o caçula dos treze irmãos e, quando menino, envolve-se em um episódio em que faz parar um trem de ferro: por perceber que a cidade de Rio Acima tinha estação, mas o trem não parava ali, Geraldo decide desafiá-lo colocando-se na frente dos trilhos até fazê-lo parar. Desde a infância, o protagonista demonstra ter ideias e comportamentos diferentes dos adotados pela maioria dos personagens e, mesmo correndo risco de morte, enfrenta o poder – representado, naquele episódio, pela figura do trem de ferro:

O apito agora era continuado, as rodas rangiam nos trilhos, o barulho perdia o ritmo numa desordem de silvos e entrechoque de ferros. Geraldo, braços ainda erguidos, lembrou-se de prometer vinte ave-marias e vinte padre-nossos se o trem parasse — não se ele não morresse, mas se o trem parasse — e foi a última coisa de que se lembrou (SABINO, 1980, p. 19).

Percebe-se que o mais importante para o protagonista não é salvar a própria vida, mas vencer as disputas que trava. Após parar o trem, todos os habitantes da cidade tratam-no como herói e passam a admirá-lo e Geraldo, como bom pícaro, trapaceia na promessa e reza apenas dez ave-marias. Algum tempo depois, um garoto de seis anos, apelidado de Pingolinha, resolve seguir o exemplo de Geraldo e tenta parar o trem, mas morre nos trilhos. A partir desse momento, o protagonista é excluído, passando a ser rejeitado pela mesma sociedade que tanto o admirava. Dessa maneira, o romance representa a contradição social:

Geraldo Viramundo, que suportou a importância de ser ovelha negra entre os meninos da cidade, foi-se tornando de novo a figura apagada que corria pelos pastos, tomava banho no rio, empinava papagaios. Mas nunca mais se misturou com os outros. Afastou-se até dos irmãos e andava sempre sozinho, pelos cantos, ensimesmado e pensativo (SABINO, 1980, p. 27).

Geraldo sofre muito com a morte de Pingolinha, que era seu amigo, e tem de suportar a exclusão, tornando-se um indivíduo solitário e pensativo, que questiona o mundo e a si próprio. O protagonista revela-se, deste modo, como mais uma vítima desse acontecimento trágico, mas a sociedade o culpa pelo ocorrido e o converte de herói em vilão. Vale destacar, novamente, as contradições e ambiguidades sociais com as quais Geraldo depara-se.

Posteriormente, Geraldo decide ser seminarista e muda-se para a cidade de Mariana por perceber que, assim como ele, os padres são indivíduos diferentes dos demais. No seminário, Geraldo envolve-se em mais duas confusões e acaba expulso tanto do seminário quanto da cidade por dizer a verdade a uma viúva e defendê-la de um apedrejamento, em um episódio que realiza uma paródia do texto bíblico da tentativa de apedrejamento de Maria Madalena:

[...] Matem, matem logo! Mas me matem a mim primeiro! Ninguém encosta a mão num fio de cabelo dessa mulher sem passar por cima do meu cadáver! Jesus disse aos fariseus: “Aquele dentre vós que está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra”. São João, capítulo oito, versículo sete. Pois atirem a primeira pedra! (SABINO, 1980, p. 50–51).

O episódio acima constitui uma paródia, porque, mesmo que Viramundo tenha apelado para a conduta moral cristã da multidão, fazendo referência ao texto bíblico, ele é apedrejado pela multidão, o que constitui um fato tragicômico. Novamente, têm-se um protagonista que é vítima das contradições sociais e que acaba assumindo a condição de marginalizado, tornando-se um andarilho, que percorrerá diversas cidades mineiras, vivenciando aventuras e desventuras. Ao sofrer a terceira negação³, o protagonista desiste de tentar ajustar-se àquela sociedade e passa a ser chamado de Geraldo Viramundo, apesar de o narrador chamá-lo desta maneira desde o início

³ Vale ressaltar também, aqui, a alusão ao episódio bíblico da negação de Cristo por Pedro, presente nos Evangelhos de Marcos, Lucas e João. Em diversos momentos, o protagonista do romance assemelha-se a Cristo.

da narrativa. Substituindo seu sobrenome por uma alcunha, o anti-herói buscará modificar a ordem político-social vigente, tornando-se um revolucionário. Porém, por ter ideias e posições diferenciadas, a sociedade o considera louco e não lhe dá crédito.

A loucura do protagonista serve como motivo para que ele sofra novas e frequentes perseguições, pois Viramundo está em uma condição social considerada inadequada: a de um marginalizado louco. Além disso, sua palavra é desprovida de autoridade na ordem político-social da qual faz parte e somente a narrativa irá conferir-lhe essa autoridade, trazendo seu discurso e sua visão de mundo. Historicamente, o lugar social do louco sempre foi à margem, pois a sociedade o exclui, desautoriza sua voz e o silencia.

Os estudos de Michel Foucault comprovam que, no início da era clássica, os loucos podiam circular livremente pelas ruas, pois a sociedade considerava que eles portavam uma verdade, uma sabedoria, que não eram reveladas aos demais indivíduos e, portanto, havia neles algo de sagrado, eles vinham de “outro lugar”. Porém, a partir do século XIV, a era clássica vai reduzir a loucura ao silenciamento, porque se deixa de compreendê-la como a contraparte indissociável da razão. A respeito do papel social do louco no século XIV, Foucault (2012, p. 63) afirma que “outrora ele era acolhido, porque vinha de outro lugar; agora, será excluído, porque vem daqui mesmo, e porque seu lugar é entre os pobres, os miseráveis, os vagabundos”. Posteriormente, os loucos passaram a ser recolhidos às casas de internamento e hospícios.

O romance, porém, coloca no centro da narrativa o indivíduo que é marginal, realizando uma inversão de lugares, elemento típico da carnavalização. O olhar de Viramundo revela seu desajuste e seu inconformismo com a realidade, trazendo o mal-estar político-social, porque revela uma ordem social injusta e opressora, que não permite questionamentos ou contestações, que tolhe o protesto dos inconformados e silencia sua voz. Essa ordem social alude à ditadura civil e militar brasileira por meio da semelhança entre as duas situações políticas⁴.

O protagonista é um grande mentecapto e sua ambivalência já vem expressa no título do romance. Viramundo é grande, visto que possui um caráter moral nobre,

⁴ A ditadura no Brasil também utilizou vários mecanismos de repressão para excluir e silenciar os indivíduos que não se submetiam a seus interesses políticos, tais como a tortura e os desaparecimentos.

e ao mesmo tempo mentecapto: maluco, tolo, idiota. É importante ressaltar, porém, que o termo **mentecapto** é ambíguo, pois também pode significar a mente que capta, revelando que o anti-herói possui uma percepção aguçada da realidade, sendo capaz de entender a verdadeira intencionalidade de alguns indivíduos que detém o poder.

O narrador da biografia de Viramundo, por sua vez, é multifacetado e típico da narrativa contemporânea. Além disso, ele narra **em defesa** do protagonista, identificando-se com o mesmo e sensibilizando o leitor a respeito dos fatos narrados. O narrador desempenha quatro papéis ao longo da narrativa, fazendo uso da máscara carnavalesca: ele é ao mesmo tempo, **narrador/enunciador, narrador/pesquisador, narrador/autor e narrador/personagem**.

O narrador desempenha o papel de enunciador quando narra em terceira pessoa, de maneira distanciada, os fatos que compõem a biografia de Viramundo; desempenha o papel de pesquisador quando realiza uma pesquisa de cunho histórico a respeito do protagonista; desempenha o papel de autor quando constrói um relato a partir da escolha e montagem de informações colhidas durante a suposta pesquisa; e desempenha o papel de personagem quando narra episódios referentes ao período em que faz a pesquisa, sendo personagem da narrativa, mas não personagem da biografia, porque está em um tempo posterior aos eventos narrados sobre Viramundo.

Dessa maneira, o narrador oscila entre a terceira e a primeira pessoa, realizando intrusões nas quais emite sua opinião sobre os fatos narrados e refere-se a acontecimentos do tempo da pesquisa e de seu papel enquanto autor. O narrador não é onisciente, porque diversas vezes revela não saber exatamente o que se passa com o protagonista e, ao perder essa onisciência típica dos narradores tradicionais, ele deixa de ser o único detentor da verdade sobre os fatos narrados.

Assim, a visão do narrador é fragmentária e o conceito de **verdade** é relativizado, pois dependerá do ponto de vista. Além disso, esse narrador tem um alto grau de manipulação discursiva e constantemente cede a voz narrativa ao protagonista e aos demais personagens, fazendo com que o leitor tenha contato diretamente com a cena e envolvendo-o na narrativa. A incorporação do discurso dos personagens na narrativa traz a tensão entre o discurso do poder dominante e o discurso dos indivíduos marginalizados, problematizando os lugares a partir dos quais

cada personagem fala. Pode-se notar essa tensão, por exemplo, no episódio em que Viramundo é expulso da cidade de Mariana por alguns soldados:

Assim, carregaram-no até a entrada da cidade e o atiraram na poeira, dizendo, enquanto esfregavam as mãos:

— Vá baixar noutra freguesia!

Geraldo Viramundo ergueu-se, sacudindo a poeira da roupa e gritou de longe para os soldados:

— Deus vos livre da iniquidade, prebostes! (SABINO, 1980, p.51).

A tensão discursiva, portanto, revela as diferenças de classe social existentes entre esses indivíduos. O narrador multifacetado, por sua vez, agirá de maneira a problematizar e questionar a divisão social e as contradições e ambiguidades do discurso daqueles que detêm o poder, aludindo ao discurso dos ditadores. Ao fazer com que o leitor tenha contato direto com a cena e ao narrar em primeira pessoa dialogando diretamente com o leitor e defendendo o ponto de vista de Viramundo, o narrador humaniza o protagonista.

Por causa de seu envolvimento afetivo com o anti-herói⁵, o narrador faz com que o leitor perceba-o como pessoa, identificando-se e solidarizando-se com ele. O narrador revela ao leitor a divisão interna de Viramundo, bem como seus questionamentos e sofrimentos íntimos diante de uma realidade opressora, o que confere profundidade ao protagonista. O leitor enxerga o anti-herói a partir da visão que o narrador tem sobre o mesmo e, ao adotar uma abordagem narrativa humanizadora, o narrador envolve, também, o leitor nesse processo humanizador, já que o torna sensível às desventuras vivenciadas pelo protagonista.

Enquanto pesquisador, o narrador percorre o estado mineiro em busca de testemunhos e informações a respeito de Viramundo, com a finalidade de reconstruir a biografia deste. Portanto, o relato é pautado, em grande parte, no testemunho oral que o narrador obtém de outros indivíduos que integram a sociedade opressora

⁵ Neste estudo, não se compreende o protagonista como um **herói problemático** — definido como um personagem que possui caráter e atitudes elevadas, mas é inadaptado ao meio em que vive, expressando um contínuo incômodo com a realidade que o cerca —, mas como um **anti-herói** — personagem típico das narrativas de tradição carnavalizada, de caráter picaresco e que comporta-se como um bufão. Segundo Bakhtin (1988, p. 276): “[...] Uma particularidade e um direito são característicos delas [as personagens anti-heróicas]: são estrangeiras nesse mundo, elas não se solidarizam com nenhuma situação de vida existente nele, elas veem o avesso e o falso de cada situação”. Assim como o **herói problemático**, o **anti-herói** é um personagem desajustado, mas ele tem uma percepção aguçada sobre as situações que vivencia, é capaz de executar trapaças em benefício próprio e, geralmente, provoca o riso no leitor.

representada na narrativa. Como se sabe, o testemunho está intimamente relacionado à memória, que é composta de lembranças e esquecimentos. Dessa maneira, uma narrativa que é pautada na memória será fragmentária, pois a memória tem suas lacunas.

A relação que **O Grande Mentecapto** estabelece com a memória social alude ao dever de memória que as narrativas — contemporâneas ao regime ditatorial brasileiro ou posteriores a ele — têm de resgatar e recompor, pela memória, os fatos ocorridos durante esse período e, juntamente com a lembrança destes acontecimentos, aparece o trauma. No romance em questão, alguns personagens que viveram na mesma época que Viramundo dizem não saber ou não se lembrarem do que aconteceu com o protagonista. Nesse contexto, é possível pensar na existência de um trauma coletivo que faz com que tais personagens não consigam narrar o ocorrido.

A questão do trauma, portanto, é aludida por meio de elementos narrativos que permitem que o leitor deduza a sua existência. Na medida em que Viramundo é tratado como suposto personagem histórico, o trauma presente na composição interna da narrativa é também entendido em um sentido histórico e coletivo. A relação do trauma com a inenarrabilidade se faz presente na dificuldade que os personagens têm de narrar os fatos biográficos de Viramundo e no próprio subtítulo do romance: “relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações”.

As lacunas narrativas causadas pelo esquecimento ou inenarrabilidade dão um aspecto fragmentário ao romance. Sobre essa fragmentação, Jaime Ginzburg afirma:

Para a pesquisa literária, é necessário o desafio de verificar como, nas formas literárias, encontramos lapsos, descontinuidades, contradições, subversões de convenções, rupturas com gêneros tradicionais, questionamentos a respeito da capacidade comunicativa e expressiva da literatura. Devemos redobrar a atenção sobre esses elementos quando interessam não como fim em si mesmos, como experimentos formais, mas quando associados a temas que, direta ou indiretamente, digam respeito ao impacto brutal da violência social (GINZBURG, 2000, p. 50).

Assim, em **O Grande Mentecapto**, pode-se pensar na relação entre a forma narrativa e a fratura histórica provocada por anos de um regime político ditatorial no

Brasil. Ao mesmo tempo em que a narrativa cumpre o dever de memória de resgatar os acontecimentos históricos, ela esbarra na fragmentariedade e na inenarrabilidade, o que gera um relato tão incompleto e lacunar quanto o relato histórico que registra os anos da ditadura civil e militar no Brasil, pois é repleto de fatos não esclarecidos. Percebe-se, portanto, conforme afirma Kothe (1986), a dimensão alegórica do romance, que traz a sociedade, com suas contradições e ambiguidades, na estrutura do texto narrativo.

Em diversos momentos, o narrador afirma não saber o que houve com Viramundo, como, por exemplo, quando o narrador revela que não conseguiu apurar o que houve com Viramundo desde o momento em que foi expulso da cidade de Mariana com dezoito anos de idade e o momento em que foi visto em Ouro Preto, com vinte e oito anos. Existem apenas hipóteses sobre o que teria ocorrido com o protagonista durante um período de dez anos e o narrador dirige-se ao leitor da seguinte maneira:

Que fiquem para trás todos esses pontos controversos, pois deverão estar esgotando já a paciência do leitor, como aliás esgotaram a minha própria. E não faço qualquer referência aos anos de interregno na vida de Viramundo entre Mariana e Ouro Preto, para reencontrá-lo já nesta última cidade (SABINO, 1980, p. 58).

Outro ponto importante do romance é que Viramundo, por ser voz dissonante, tem uma visão de mundo que também difere dos demais, já que ele não vê os atos violentos como naturais, mas indigna-se diante deles. No momento em que a população de Mariana tenta apedrejar a viúva Correia Lopes, por exemplo, o anti-herói defende-a, apanhando em seu lugar:

[o homem] atirou uma certa pedrada, que foi atingir em cheio a testa de Geraldo Viramundo. Perdendo o equilíbrio, ele tombou ao chão, na rua, sem sentidos. Ainda assim o moeram de pancadas e pisadelas. E teriam literalmente passado por cima do seu cadáver, se naquele momento o destacamento policial que o delegado acabara providenciando não tivesse chegado, botando a multidão em debandada a golpes de sabre (SABINO, 1980, p. 51).

Viramundo não enxerga um apedrejamento como um acontecimento natural e justo e, ao defender a viúva, sofre violência também; o destacamento policial, por sua vez, também age de maneira violenta. Note-se, nesse episódio, o autoritarismo

impregnado na mentalidade e no comportamento da população brasileira, que se contagia com a atitude repressiva dos personagens que detêm o poder no romance — os líderes religiosos e políticos — e também pratica a violência contra Viramundo e outros personagens marginalizados como, por exemplo, a prostituta.

A partir do ponto de vista do protagonista, a narrativa discute a naturalidade dessas ações, porque Viramundo não as entende como naturais, mas a sociedade sim, havendo uma tensão. A narrativa, portanto, sensibiliza o leitor para refletir sobre o que é natural e normal de fato, relativizando o próprio conceito de loucura, pois discute quem está enlouquecido: a sociedade que legitima a violência ou o indivíduo que luta contra ela?

Assim, o romance alude ao mecanismo de naturalização da violência utilizado pelos ditadores e também à violência impregnada no tecido social brasileiro, visto que a população reproduz o autoritarismo: as elites dominantes são apoiadas, em certa medida, pela maioria do povo oprimido, que aceita e legitima o sistema. Além disso, o romance dá voz aos indivíduos marginalizados e oprimidos por um regime político que tolhe sua liberdade. Segundo Denis Rosenfeld:

Uma sociedade onde as vozes daqueles que não conseguem exprimir-se não se fazem ouvir cria uma situação de efetiva cacofonia política, tendo como consequência a perversão de tudo aquilo que é dito. A liberdade política só pode estar comprometida numa sociedade em que o falar dos governantes tornou-se um puro esconder, o falar dos excluídos um simples balbuciar e o falar das autodenominadas vanguardas um novo ocultar (ROSENFELD, 1984, p. 62).

A narrativa de **O Grande Mentecapto** rompe com o discurso dominante e traz à tona o discurso dos excluídos reacionários bem como sua visão de mundo. O protagonista, além de seu nome de batismo Geraldo Boaventura e de seu apelido Viramundo, possui vários epítetos e alcunhas que vão sendo-lhe atribuídas de acordo com as aventuras e desventuras que vivencia. Algumas dessas alcunhas são:

Geraldo Giramundo
Geraldo Rolamundo
Geraldo Vira-Lata
Geraldo Acaba-Mundo
Geraldo Furibundo
(SABINO, 1980, p. 54).

É possível notar a presença da ironia, elemento tipicamente presente nas narrativas carnavalizadas, se se considerar o sobrenome de batismo do protagonista — Boaventura — e o fracasso de sua trajetória. Os vários nomes do protagonista são um traço típico da literatura carnavalizada, que faz uso da máscara, permitindo que uma pessoa se converta em outra, assim, Geraldo é o Viramundo, já que ele vai virando outra pessoa. Esse recurso realiza também uma dissolução do protagonista enquanto indivíduo, fazendo com que ele seja um e, ao mesmo tempo, seja todos. Portanto, o protagonista pode ser o representante de alguns indivíduos marginalizados que não aceitam o regime opressivo e decidem reagir, porque ele se multiplica, é multifacetado, o que expande seu alcance, liderando uma revolta popular que irá exigir que o governador de Minas Gerais promova a igualdade social, no último capítulo do romance.

O papel do narrador é fundamental nesse contexto, porque, como já se discutiu, além de ceder a voz narrativa a Viramundo, ele envolve-se afetivamente com o protagonista, humanizando-o, como se pode notar no seguinte trecho, no qual o narrador faz uma intrusão:

[...] mostrei-me onde se esconde esse vagabundo maravilhoso, esse meu irmão desvairado que no fundo vem a ser o melhor da minha razão de existir. Foi ele, esse iluminado de olhos cintilantes e cabelos desgrenhados que um dia saltou dentro de mim e gritou basta! num momento em que meu ser civilizado, bem penteado, bem vestido e ponderado dizia sim a uma injustiça. Foi ele quem amou a mulher e a colocou num pedestal e lhe ofertou uma flor. Foi ele quem sofreu quando jovem a emoção de um desencanto, e chorou quando menino a perda de um brinquedo, debatendo-se na camisa-de-força com que tolhiam o seu protesto. Este ser engasgado, contido, subjugado pela ordem iníqua dos racionais é o verdadeiro fulcro da minha verdadeira natureza, o cerne da minha condição de homem, herói e pobre-diabo, pária, negro, judeu, índio, cigano, santo, poeta, mendigo e débil mental, Viramundo! que um dia há de rebelar-se dentro de mim, enfim liberto, poderoso na sua fragilidade, terrível na pureza da sua loucura (SABINO, 2006, 1980, p. 187-188).

No trecho acima, o narrador faz um desabafo e deixa claro que Viramundo é o representante dos socialmente excluídos e do cerne da condição humana. Sendo o representante dos oprimidos, Viramundo participa, na cidade de Barbacena, de um debate político no qual enfrenta o candidato oficial a prefeito e sai vitorioso. O debate político consistia, na realidade, em um jogo de adivinhações, o que revela a sátira

política efetuada pelo romance. Após a vitória, o comandante da escolta o aborda da seguinte maneira:

— Você já foi conscrito? — perguntou-lhe o militar.
 — Não. Fui só batizado e crismado — respondeu o mentecapto.
 — Serviu em corpo de tropa?
 — Não. Quando eu era menino queria ser da tropa dos escoteiros, mas meu pai não deixou.
 — Então você é um insubmisso. Esteja preso.
 Convocou seus comandados com um gesto e estes cercaram o grande mentecapto, que assim foi retirado do palanque sob delirantes aplausos da multidão, como se estivesse sendo escoltado em triunfo. (SABINO, 1980, p. 107-108).

Nesse episódio, os militares intervêm impedindo que Viramundo se elegesse de fato, o que representaria uma ameaça aos interesses dos opressores, e prendem-no pela não prestação do serviço militar obrigatório. O leitor pode observar, também, que a sociedade ao redor não percebe tratar-se de uma prisão, mas julga tratar-se de uma escolta honrosa, o que alude ao comportamento dos militares durante o regime ditatorial instaurado no Brasil: não permitir que a população perceba o que está acontecendo. De acordo com Denis Rosenfeld:

Quando a sociedade já não encena a sua comunidade política, as instituições tornam-se formais, não expressando a livre atuação de todos. As instituições são assim utilizadas em proveito dos grupos sociais e políticos dominantes, de tal maneira que a descrença nas relações políticas existentes se apodera dos indivíduos (ROSENFELD, 1984, p. 97).

É possível perceber que a narrativa utiliza o recurso do humor, da ridicularização, para revelar o absurdo cômico do abuso do poder por parte dos militares. Após ser preso pelos militares, Viramundo é enviado ao Esquadrão de Cavalaria, na cidade de Juiz de Fora, mas, como não se ajusta à vida militar por ter uma visão de mundo e uma conduta desviante dos padrões estabelecidos, é excluído, ficando responsável por lavar os cavalos. Por ter uma rotina solitária, o protagonista passa a conversar com um dos cavalos e chega a convencer seus comandantes Batatinhas e Freitas — que formam o par cômico Batatinhas Fritas — de que o cavalo realmente fala, deixando evidente a alienação e o despreparo dos militares, além de questionar novamente os limites entre a razão e a loucura. Os militares tanto

acreditam que o Comandante pede ao protagonista que faça perguntas ao cavalo, quando ele deseja obter determinadas informações:

— Eu preciso que você... — o comandante procurava como dizer. — Bem, trate de saber para mim quem é que o Tenente Fritas traz para passear com ele a cavalo nas folgas de domingo. É só isso. E não diga a ninguém, visto? A ninguém. Só a mim.

Viramundo o olhava sem entender:

— O Comandante que me perdoe, mas como poderei saber...

— Sabendo — cortou o Capitão. — Perguntando. Só não me pergunte ao Fritas. E nem a mais ninguém. Mesmo porque na folga de domingo não tem ninguém que possa saber.

— Perguntar a quem, então? — insistiu Viramundo.

O capitão olhou-o nos olhos em silêncio e respirou fundo, tomando coragem para responder:

— Pergunte àquele cavalo.

(SABINO, 1980, p. 112-113)

Durante o período em que Viramundo permanece no Esquadrão de Cavalaria, ocorre uma guerra entre o exército azul e o exército vermelho no território mineiro. A representação da guerra ridiculariza e rebaixa o papel dos militares que lutam em uma batalha sem sentido. Viramundo acaba perdendo-se de seu exército enquanto este se deslocava de um ponto estratégico a outro e acaba sendo preso pelo exército inimigo, o exército vermelho. Após a captura, o exército vermelho não sabe o que fazer com seu prisioneiro e lhe ordena que fuja, o que mostra a falta de sentido das ações militares. Tal falta de sentido é expressa também nas intrusões do narrador:

E mais não digo, pois não me perderei em detalhes de estratégia militar em que me confesso pouco versado, os quais em nada enriquecerão o meu relato; além do que, não entenderia eu mesmo, e o leitor muito menos, aquilo que nem os próprios militares na época chegaram a entender (SABINO, 1980, p. 122).

O narrador chega a informar, por exemplo, que os ataques aéreos consistiam em bombas de cal que um estudante jogava de um teco-teco sobre os militares para dar mais veracidade à batalha. Em outro ponto da narrativa, o narrador chega a mencionar que “à noite a tropa recebeu ordem de deslocar-se para fazer frente ao inimigo — ou para dele escapar, não ficou bem claro. O inimigo estava em toda parte e em lugar nenhum” (SABINO, 1980, p. 126). Tal passagem alude a uma situação

descrita por Marcondes Filho a respeito do que ocorria na sociedade brasileira na época da ditadura:

A doutrina de segurança nacional e de segurança do Estado acabou com essas marcas físicas externas [de que o inimigo estava à distância]. Criou outro conceito, que é o de que **o inimigo pode ser qualquer um de nós**. Isso torna a população civil muito mais frágil diante do Estado, porque qualquer arbitrariedade cometida sobre ela não pode ser facilmente defendida (MARCONDES FILHO, 1987, p. 54).

A narrativa de **O Grande Mentecapto** também representa os crimes cometidos pelos militares e o ocultamento dos cadáveres, o silenciamento das vítimas. Quando está na cidade de Congonhas do Campo, Geraldo Viramundo depara-se com o assassinato de seu amigo, o cego Elias, por dois soldados a golpes de sabre, em uma representação da truculência militar para com os que integram a população mais pobre. Em tal episódio, o médico legista também é conivente com o crime. Segundo o narrador:

Mais tarde era o delegado que chegava e tomava as providências para abafar o crime que seus comandados haviam cometido. Mandou que o rabeção do necrotério transportasse naquele mesmo dia o corpo da vítima para Ouro Preto em companhia do filho, conforme desejo deste, depois que o legista passou o atestado de óbito em que se lia: Causa mortis — ignorada (SABINO, 1980, p. 164).

Quando se dirige a Belo Horizonte, por sua vez, Geraldo Viramundo é recolhido pela polícia, juntamente com grande número de indivíduos marginalizados, a um local que o Governo construiu para abrigar os excluídos: a Cidade Livre dos Mendigos. O nome do local é ambíguo, pois dá margem a duas leituras: trata-se de uma cidade na qual os mendigos e demais excluídos viviam livres ou é a cidade de Belo Horizonte que fica livre desses indesejáveis. Com a descrição do local e das práticas ocorridas ali, o leitor pode perceber que a segunda leitura é a que corresponde à realidade, pois todos os marginalizados eram mantidos presos no local, sendo vigiados e censurados constantemente.

O protagonista, revoltado com a situação, brada aos demais: “— Reajam! Não sejam covardes! Eles são poucos, nós somos legião!” (SABINO, 1980, p. 205). Após essa atitude, Viramundo é encaminhado a um hospício, do qual sairá para liderar uma Revolução, dando continuidade ao seu princípio de resistência. Do hospício, o

protagonista consegue organizar um movimento em que reúne todos os marginalizados, inclusive os confinados na Cidade Livre dos Mendigos, e dirige-se ao palácio do Governador mineiro para exigir o fim das perseguições e a melhora das condições de vida dos indivíduos excluídos:

[...] A Praça da Liberdade, em toda a sua largura e em toda a sua extensão, até aonde a vista alcançava, estava repleta de gente. E era uma gente esquisita, vestida de maneira extravagante, uns de macacão azul e cabeça raspada, outros de pijama riscadinho e cara de doidos, mesclados de homens esmolambados, crianças descalças, mulheres com ar de bichos [...] (SABINO, 1980, p. 213).

É sintomático que estes marginalizados comandados por Viramundo se reúnam na Praça da Liberdade, sem armas, para exigir dos políticos a igualdade de direitos, pois, em regimes opressores ou ditatoriais, a liberdade do povo é tolhida e os militares utilizam armas e agem de maneira violenta para coibir a resistência, portanto, a oposição entre os marginalizados e os que detêm o poder fica evidente. A respeito de ações em massa como essa, Marcondes Filho afirma que:

O homem moderno, o homem da massa, diferentemente, é um indivíduo mais solitário, mais desagregado. A própria natureza das massas modernas é a de serem uma forma de agregação de “reunião de indivíduos sós”. Na massa, eles encontram um sentimento de pertencer a uma totalidade maior, que lhes havia desaparecido com a crise de seus valores (religião, família, Estado). Agindo como massa, sentem-se mais encorajados a tomar atitudes radicais, mais violentas e a seguir movimentos que pareçam atender a suas aspirações (MARCONDES FILHO, 1987, p. 37).

Ao recusar o uso de armas, o protagonista rompe com o estereótipo de revolução e fracassa, porque o Governo utiliza meios violentos e o apoio dos militares para dispersar a multidão e por fim à resistência. De acordo com Spindel (1981, p. 37), “a ditadura preocupa-se em eliminar qualquer tipo de oposição mais efetiva [...]. No intuito de suprimir as verdadeiras oposições, o governo autoritário lança mão, além da repressão, de um intenso processo de desmobilização da sociedade”.

Além disso, conforme afirma o autor, “[...] tais regimes não têm a menor intenção de atender às reivindicações que vinham sendo feitas por estas camadas populares” (SPINDEL, 1981, p. 38). Portanto, é possível perceber a semelhança entre

as atitudes dos governantes na narrativa e as atitudes de governos ditatoriais, podendo-se deduzir que a narrativa alude ao contexto da ditadura militar no Brasil.

Com o final da revolução, a narrativa traz a figura do herói fracassado e da luta inglória. A partir desse momento, Geraldo Viramundo tenta sair do estado de Minas Gerais para levar seu protesto ao Chefe da Nação e acaba retornando à cidade de Rio Acima e morrendo no mesmo local em que nasceu. Seu irmão mais velho, Breno, o acusa injustamente de roubo e o mata por espancamento, amarrado em uma árvore:

Nem havia nada a fazer: naquele instante Viramundo entreabria com dificuldade as pálpebras intumescidas pelas pancadas, olhava seus dois amigos e tornava a fechá-las, depois de tentar falar qualquer coisa e não conseguir. Então, sem uma palavra, entregou o espírito. Mas seus lábios pareciam entreabertos num sorriso (SABINO, 1980, p. 225).

A morte de Viramundo assemelha-se à morte de Cristo, que também é um símbolo de prisão arbitrária, tortura, violência e morte por representar um incômodo político. O protagonista, porém, diferentemente de Cristo, morre em silêncio, com uma palavra engasgada e parece sorrir, porque consegue, com sua morte, salvar a vida dos dois amigos que o acompanhavam.

Considerações finais

Tendo em vista as considerações acima a respeito da relação entre **O Grande Mentecapto** e o contexto do regime político ditatorial no Brasil, é possível perceber que esse romance, resgatando a tradição carnalizada, instaura-se na literatura brasileira como obra contemporânea, tanto formal quanto tematicamente. Além disso, o romance em questão cumpre seu dever de memória, na medida em que alude à ditadura civil e militar brasileira, discutindo, ainda que indiretamente, os métodos utilizados por esse regime político opressor e alegorizando a situação na qual se encontrava a sociedade brasileira da época.

Segundo Avelar (2003, p. 161), “a decadência do regime militar brasileiro em princípio dos anos oitenta coincidiu com uma reavaliação do modernismo [...]”. Como **O Grande Mentecapto** foi publicado pela primeira vez em 1979, momento em que se iniciava o abrandamento da censura e da repressão, ele marca a reavaliação do

modernismo na medida em que se afirma como a obra literária contemporânea que, com um narrador multifacetado e uma narrativa fragmentada, instaura a discussão sobre a desigualdade social, o abuso do poder e o desajuste do indivíduo frente a essa realidade político-social.

Empregando elementos da tradição carnavalizada, a narrativa realiza uma revisão crítica do período ditatorial no Brasil, expondo a arbitrariedade das ações militares, o excesso de violência utilizado, as manobras políticas efetuadas para que o poder seja mantido nas mãos da elite brasileira, dos políticos e das forças armadas, em detrimento dos direitos do povo. Colocando como protagonista Geraldo Viramundo, um sujeito marginalizado de diversas formas, o romance deflagra o tratamento desumano oferecido a esses indivíduos. Vinculando-se à tradição carnavalizada e valendo-se dos seus procedimentos narrativos típicos para a produção do riso, **O Grande Mentecapto** rebaixa e ridiculariza as instituições, os discursos e as figuras de autoridade, em uma nítida oposição ao regime ditatorial. Portanto, o romance problematiza um mal-estar social que permanece até os dias atuais, por isso, o romance também não “se desatualizou”: ele representa uma configuração social brasileira percebida como contemporânea e continua sendo editado e lido constantemente.

Referências

AVELAR, A. **Alegorias da derrota**: a ficção Pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Editora da UNESP; São Paulo: Hucitec, 1988.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Nelo. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GINZBURG, J. Autoritarismo e literatura: a história como trauma. **Vidya** (Santa Maria), Santa Maria, v. 33, p. 43-52, 2000.

KOTHE, F. R. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCONDES FILHO, C. **Violência política**. São Paulo: Moderna, 1987.

ROSENFELD, D. L. **A questão da democracia**. São Paulo: Brasiliense: 1984.

SABINO, F. **O Grande Mentecapto**: relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SPINDEL, A. **O que são ditaduras**. São Paulo: Brasiliense: 1981.



Recebido em 30 de março de 2017
Aprovado em 27 de setembro de 2017